Sabbado 18 de Março de 1916

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO
COMPRA
1a. SECÇÃO

Careta

Num. 404

Anno IX

SEGURO MORREU DE VELHO

Momo II prepara o carro chefe para o seu prestito

SÓ

É CALVO QUEM QUER
PERDE O CABELLO QUEM QUER
TEM BARBA FALHADA QUEM QUER
TEM CASPA QUEM QUER

PORQUE O PILOGENIO

Faz nascer novos cabellos, impede a sua quéda, faz vir uma barba forte e sadia e faz desapparecer completamente a caspa e quaesquer parasitas da cabeça, barba e sobrancelhas. Numerosos casos de curas em pessoas conhecidas, provam a sua efficacia.

BEXIGA, RINS, PROSTATA, URETHRA

A UROFORMINA GRANULADA de Giffoni é um precioso diuretico e antiseptico dos rins, da bexiga, da prostata, da urethra e dos intestinos. Dissolve o acido urico e os uratos. Por isso é ella empregada sempre com feliz resultado na insufficiencia renal, nas cystites, pyelites, nephrites, pyelo-nephrites, urethrites chronicas, inflamação da prostata, catarrho da bexiga, typho abdominal, uremia, diathese urica, areas, calculos, etc.

As pessoas idosas ou não, que têm a bexiga preguiçosa e cuja urina se decompõe facilmente devido á retenção, encontram na UROFORMINA de GIFFONI um verdadeiro ESPECIFICO, porque ella não só facilita e augmenta a DIURESE, como desinfecta a BEXIGA e a URINA evitando a fermentação desta e a infecção do organismo pelos productos dessa decomposição. Numerosos attestados dos mais notaveis clinicos provam a sua efficacia. Vide a bulla que acompanha cada frasco.

ENCONTRA-SE NAS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS DESTA CAPITAL E DOS ESTADOS E NO

Deposito: Drogaria Francisco Giffoni & C. — 1.º de Março, 17 — Rio de Janeiro

CHUMBO FINO

A renda do tsar da Russia é de cerca de 320$ por minuto.

•

Os écos são mais resoantes á tarde do que durante o dia.

•

As mortes occorrem geralmente entre as 3 e 6 horas e são menos frequentes entre as 10 e 15 horas.

•

Os esquimós são grandes jogadores de dominó. Apostam fortemente; jogam ás vezes as mulheres, e perdem-nas.

•

As bonecas alemans estão sendo feitas agora com a cabeça pintada, por falta de lã de que se faziam as cabeleiras.

•

Em muitas aldeias e cidades holandezas a parte principal da casa só se abre por ocasião de um funeral ou de um casamento.

PREÇO FIXO

DROGAS E PRODUCTOS PHARMACEUTICOS DE LEGITIMIDADE GARANTIDA

RUA 1.º DE MARÇO, 14, 16, 18
RUA VISC.DE DO RIO BRANCO, 31
LABORATORIO
RUA DO SENADO, 48

GRANADO & C.ª

CASA COLOMBO

AVENIDA E OUVIDOR

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO COMPRA

SECÇÃO PARA HOMENS

TUDO PARA HOMENS

903 903 904

903 — Costume caçador em brim khaki ou branco .... 36$000

Mesmo feitio em casemira ingleza, cores e desenhos modernos .... 60$000

Chapéo de palha italiana, desde... 4$800

Bengalas junco, castão direito...... 8$000

904 — Terno de paletot em brim de linho pardo ...... 35$000

Mesmo feitio 1/2 linho branco .... 50$000

Mesmo feitio cheviot pura lá azul ou preta..... 55$000

Mesmo feitio casemira cores modernas......... 60$000

Fornecedores da
Casa Real da Inglaterra

Telephone 489 - Norte
Caixa N. 115

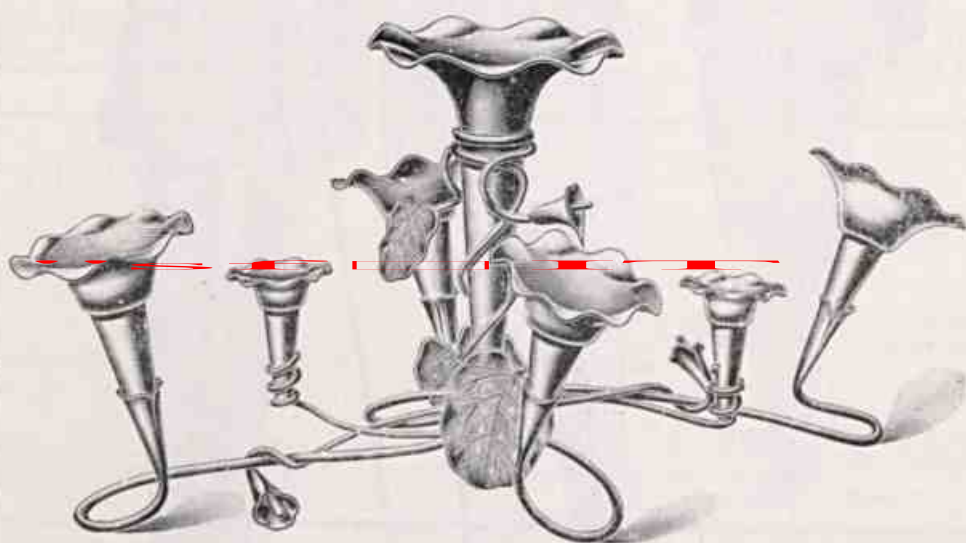
By Royal Appointment

MAPPIN & WEBB

Os unicos fabricantes da afamada "Prata Princeza"

Joalheria BRILHANTES *Porcelanas*

Prataria E *Crystaes*

Marroquinaria PEROLAS *Mobilias inglezas*

Lindas floreiras para centro de meza

"Prata Princeza" 120$000

Prata de lei . . . 400$000

Usem só talheres e baixellas de «Prata Princeza»

100 OUVIDOR 100 — RIO DE JANEIRO

RUA 15 DE NOVEMBRO, 28 — S. PAULO

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO — COMPRA

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO . . . 15$000 | SEMESTRE 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL . . . . 300 Rs.—ESTADOS . . . . 400 Rs

END. TELEG. KÓSMOS

TELEPHONE N. 5341

N. 404 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 18 — MARÇO — 1916 — ANNO IX

Não raro, explorando a incauta ingenuidade carioca, apparecem agencias sob diversos nomes para, intitulando-se representante de casas commerciaes ou emprezas, favorecer a individuos pouco escrupulosos.

Agora mesmo chega-nos ás mãos um recibo passado por uma das taes agencias (Agencia Freire) no qual um senhor Clovis Hollanda Amora declara ter recebido a importancia de um anno de Careta.

Essa agencia não está authorisada a passar recibo em nome desta revista nem o tal Amora teve procuração nossa para esse fim, constituindo o que acabamos de verificar uma vigarice desse individuo encampada pela dita Agencia Freire de Amaral & C.

Aproveitando a opportunidade declaramos que Careta não tem agentes viajantes.

O CASO DOS TRANSPORTES

Chefiados pelo venerando *Jornal do Commercio*, alguns jornaes e muitos jornalistas empenhados em descobrir as soluções devidas ao grave problema dos transportes maritimos e impressionados com o discutivel gesto de energia da joven Republica Lusitana, desejam que, mediante certas circumstancias e em condições que ainda não foram definidas, o nosso paiz hasteie a bandeira nacional nos mastros dos navios austro-allemães abrigados nos portos brasileiros.

A nossa situação de modo algum é comparavel á de Portugal, na hora em que se apropriou, por um decreto, dos navios germanos. A gloriosa nação portugueza, ao estourar o medonho conflicto europeu, não se declarou neutra, e, como alliada secular da Inglaterra, não só forneceu, sem remuneração pecuniaria, armas e munições aos combatentes enfileirados nas linhas anglo-francezas da Flandres, como pelejou nas terras africanas, contra forças regulares do imperial exercito allemão. Nós fizemos declaração de neutralidade.

Se, não obstante o artificial das suas relações com a Republica Portugueza, o Imperio de Guilherme II julgou a utilisação dos navios germanicos asylados nos portos dos lusiadas um facto de tamanha gravidade a ponto de encerrar aquellas relações de cordialidade aggressiva com uma veraz declaração de guerra, parece que os nossos jornalistas que aconselham o nosso governo a imitar o acto portuguez, o que procuram é um meio indirecto de atirar o Brasil á sanguinosa catastrophe guerreira, provocando a inevitavel represalia teutonica.

O accordo com o governo imperial da Allemanha não seria possivel, salvo se quizessemos entrar em lucta com os fortes paizes da alliança anglo-franco-luso-belga-italo-russa.

Ha muito tempo, pouco depois de terem sido varridos do Atlantico os ultimos navios de guerra germanicos, os Estados Unidos quizeram fazer com o Imperio Allemão o negocio que hoje se aconselha ao governo brasileiro, mas desistiram de fazel-o deante da expressa opposição britanica.

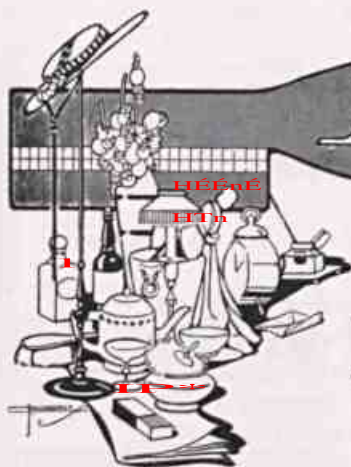
Mesmo que esta opposição viesse a desapparecer, é provavel que a Allemanha, conhecendo os seus interesses actuaes em relação aos transportes maritimos, não se dispuzesse a fazer o apregoado accordo.

Neste caso, os conselheiros bellicosos do governo são de opinião que devemos, em nome de dividas contrahidas comnosco pela Allemanha, tomar como garantia do nosso café ou do dinheiro correspondente ao nosso café, os desejados navios que se abrigaram á sombra do nosso pavilhão de neutros.

Ora, quando o governo allemão tomou conta do nosso café, depois de um protesto affectuoso, sancionamos com o nosso pacifico silencio o seu acto de requisição e de posse. Parece, pois, um pouco tarde, para assumirmos uma fanfarrona attitude de represalia interesseira e violenta, que nos metteria numa tremenda guerra para cuja explosão a nossa famosa falta de juizo não contribuiu.

Antes de pensar em qualquer medida de apparencia hostil, o governo brasileiro, se necessita do nosso dinheiro detido na Allemanha, deve pedir á Allemanha que nol-o mande por intermedio da Hollanda, atravez da Suissa, ou pela Dinamarca. Só depois de uma formal negativa germanica, o Brasil poderia estudar outros meios de rehaver o que lhe pertence.

Se, como se diz, a Allemanha, na questão do café, não procedeu com lisura, devemos considerar com alguma tolerancia a sua grave situação.

Queremos, mediante uma neutralidade honesta, merecer a respeitosa sympathia dos povos belligerantes e não devemos, por preço algum, distruir a nossa bôa reputação internacional com a pratica de aggressivas acções que a nossa fraqueza não ousaria realisar em epocas normaes.

NA CIDADE VERNAL

— A noite, como esta, como as noites de Petropolis, era fria e sem astros. Eu, scismando, vinha pela deserta Avenida Koeller e ouvi, á direita, pouco antes de chegar á Praça Liberdade...

— Largo Dom Affonso...

— ... um gritinho agudo e fino. Olhei. Numa varanda perfumada pela verde garridice florea de um jardinsito, e docemente innundada por uma luz tão suave que parecia provir de imponderavel fóco roseo, um vulto agil e moço de mulher, girando e pronunciando curtas syllabas interjectivas, dançava para algumas damas. Dançava ao suggestivo rythmo do seu proprio encanto, sem outra musica além da que lhe vibrava na muda harmonia das leves linhas ondeando em molle movimento languido... Dançava, e a envolvente volupia do seu feitiço derramava ternuras e caricias no grande mysticismo sensual da noite.

— Era bonita ?

— Não distingui o glorioso tom de seus cabellos nem divisei a côr fulgurante de seus olhos, mas affirmo que essa bizarra bailarina é a mais bella deusa dos orbes.

— Não te precipites numa affirmação sem base na realidade verificada... Eu, antes de jurar, procuraria verificar...

— Como somos differentes ! Verificar, para que ? Deu me quanto podia dar-me, — uma nova emoção esthetica e um claro minuto de sonho — essa encantadora desconhecida .. Não quero projectar, iconoclasta, sobre o reflexo de uma divindade, uma vulgar sombra humana...

Soaram duros passos pesados, e, inquieto, de gorda face triste, com um amargo suspiro arejando o longo corredor do hotel, appareceu, elegante, um homem. Na sala, reatado ao fim de rapida pausa, proseguiu o dialogo ameno:

— Não sou romantico e sei que os meus idolos são deliciosamente humanos. Por isso, procuro vel-os e, quando é possivel, palpal-os. Agora mesmo, por ter querido desvendar um fascinante mysterio que passava de bycicleta, estou com uma perna arranhada e tenho doridas nodoas rôxas em oito costellas...

— Tambem tens um caso?

— Tenho, mas o meu caso actual anda de patins.

— E o da bycicleta ?

— Pertence ao passado. Foi uma ligeira comedia cinematographica.

— Exibe-a.

— Parado a uma esquina, fumando, eu esperava o imprevisto. Passaram duas moças de bycicleta, e eu, admittindo a hypothese de ser uma dellas o imprevisto esperado, corri á proxima casa de um negociante, aluguei uma bycicleta e voei no rumo seductor das cyclistas. Alcancei-as no maldito logar transformado em funesta arena de batalha por dois endiabrados garotos. A' minha passagem choveram heroicas pedras, e eu, brutalmente attingido numa canella, esfreguei a roupa no chão.

O inquieto cavalheiro elegante, com a sua gorda face triste, a fumar, suspirando, media a duros passos pesados a longa extensão do corredor silente. Na sala, indifferentes a esta visivel magua perambulante, conversavam os dois amigos.

— Se o teu caso actual roda sobre patins, deve ser um caso mais ou menos infantil...

Na rua, com estridor, estacou um carro e logo, nervosa, arrastando o tepido luxo de um manto caro, surgio no corredor uma galante mulhersinha.

— Então ? perguntou-lhe, afflicto, o gordo cavalheiro triste.

Séria, com a formosa physionomia tragicamente contrahida, ella ordenou :

— Vá pagar o carro.

Tendo cumprido a ordem, elle, ao reentrar, insistio :

— Então ?

Risonha e febril, batendo no chão com a ponta raivosa do pé, a galante mulherinha respondeu com feroz sarcasmo interrogativo :

— Então ? Então ? Pois você ainda esperava que eu ganhasse ?

O gordo balbuciou :

— Podia ser.

Ella, com odio, bradou :

— Não podia ser.

Levou o lenço aos labios, e explicou :

— Poderia ser, se você não tivesse me *encabulado*.

Oscillou, como se a entontecesse uma vertigem, e com a tremula mão comprimindo a fronte pallida, explodio :

— Já lhe disse mil vezes que quando eu estiver jogando não me encaipóre com a sua presença. Que ficou fazendo lá, depois de ter perdido ? Ficou pelo gosto de *encabular* o meu jogo.

Tomado de subita colera, engrossando a voz, o gordo marido elegante bramio :

— Estás enganada, muito enganada ! Quem te *encabúla* não sou eu. Quem *encabúla* o teu jogo, por que te distráe e desvia a attenção na mesa, é o *flirt* ! O *flirt*, ouviste ?

Despediram-se, constrangidos, os loquazes amigos e, á sahida da sala, recolhendo-se, um, ao seu aposento nesse hotel e partindo, o outro, para a sua distante installação, ao passarem pelo corredor, viram, sombrios como dois inimigos chumbados ao horror de inseparavel destino commum, esse nobre casal de invejados.

LEAL DE SOUZA

CONTRA O VENTO

O alferes João de Quebra adquiriu esse nome por um motivo que nunca pude averiguar, nem achei nunca quem m'o explicasse.

O pai chamava-se João Cabeça, embora a tivesse normal, e ele João de Quebra, sem motivo nenhum aparente. Emfim um quebra-cabeça.

Ele era homem rico, mas somitego, avarento ao extremo. Não tinha vicios dispendiosos. Não bebia, não tomava café (por causa do assucar), não jogava, não fumava. Isto é, deixara de fumar. A principio fumava cigarros de palha, e aproveitava os côtos para fazer rolar. Mas afinal deixou porque não achou um meio de aproveitar a fumaça, e tinha remorso de perdel-a.

Só tinha um criado para todo serviço; e é evidente que o seu estomago não andaria mais bem fornido que o do patrão.

A frugalidade era o regimen da casa. Frugalidade tão extrema, que o empregado, o Manuel, tinha afinado, afinado, até se aproximar da grossura de um poste de telegrafo.

Uma vez João de Quebra poz o seu lenço a secar num gramado em frente da casa.

As nuvens começaram a carregar-se. Grossas bagas de chuva começaram a cair. O vento soprava. João de Quebra gritou ao criado:

— O' Manuel.

— Senhor!

— Corra ali em frente e traga o meu lenço.

— Sim, senhor.

Passaram-se oito ou dez segundos, e o Manuel não acudiu com a presteza do costume.

— O' Manuel! gritou ele de novo.

— Já vou, meu amo!

E appareceu logo com dous tijolos, um debaixo de cada braço.

— Para que isso? perguntou o amo irritado.

— Para o vento não me carregar...

X.

— A primeira vez que minha mulher me prohibiu de sahir de casa á noite, fiquei um pouco aborrecido. A segunda, fiquei furioso...

— E a terceira?

— A terceira... fiquei em casa.

— Espero que tenha bom genio e que seja respeitosa com seus patrões — observa a patrôa á uma creada que vem apresentar-se. Quando faço uma observação, não quero que me respondam.

— Quanto a responder, póde a senhora estar descançada; estive empregada tres annos na Companhia Telephonica.

Eureka!

O sabio allemão (monologando). Para supprir a falta de manteiga, ha um grande meio: — Supprimir o pão.

DESPERTAR DE UM FOLIÃO

Na 4ª feira de Cinzas

Local: um quarto de pensão em desordem. Uma cama de ferro com as cobertas pendentes para o chão. Numa mesa, de mistura, livros, um retrato de mulher, um relogio de prata, um narigão de cera, um copo de barro para agua. Uma cadeira com roupas. Estirado sobre a cama, com a cabeça para os pés, a cara pintada de vermelho e sobrancelhas de branco, jaz um folião, enfiado no dominó azul. Esfrega os olhos, abre-os, circula-os pelo quarto e sentando-se na cama toma de cima da mesa o relogio:

— Caramba! Tres horas!... Não é possivel!...

Torna a esfregar os olhos e examina de novo o relogio:

— Não ha duvida! São tres horas da tarde de quarta-feira de cinzas.

Levanta e posta-se deante do espelho:

— Bonita figura! sim senhor. Se o patrão me vê neste estado, ele tão sério, tão grave, era capaz de pôr-me no olho da rua. Capaz só? Pumba mesmo. (Com um muxôxo): Ora! pouco me importava. Porque este anno me diverti. Diverti-me a valer. Estou esbodegado; lá isso estou. Mas pintei o sete.

Vai sentar-se na cadeira e levanta rapidamente com uma contracção do rosto e a mão na nadega:

— Ui! que diacho é isto? Onde me teria machucado? Ah, agora me lembro. Foi o pontapé que o raio daquelle indio me pespegou no theatro S. Pedro. Tambem um indio calçado é cousa que até devia ser prohibida. E que pontapé! Um burro bem ferrado não o pespegará coice mais sacudido. Que diacho, estou com a guela seca...

Tomou de cima da mesa o copo d'agua e sorve um trago, que cospe logo no balde com uma careta:

— Uhm... que gosto! que gosto de barro! Isto combinado com o gosto de cabo de chapéu de sol da minha boca está horrivel. E' preciso rebater.

Aperta o botão da campainha e dahi a pouco batem do lado de fóra. O folião espreguiçando-se, escancarando a bocca vai abrir. E' a criada:

— O sr. chamou?

— Sim, menina. Traga-me uma garrafa de cerveja gelada, bem gelada, ouviu?

A criada hesita:

— Mas, mas...

— Mas o que?

— A patrôa disse que emquanto o senhor não dér alguma cousa por conta...

— Sim, sim! Sua patrôa que vá para o diabo que a carregue...

Fecha violentamente a porta, volta, estira-se sobre a cama e começa a monologar:

— Diverti-me a valer neste carnaval. Não ha duvida. Tres dias e tres noites debaixo de um dominó não é brincadeira. Parece que tomei uma surra em cada parte da anatomia. As pernas estão dôces. Em cada musculo sinto uma dôr ou duas. Esta dôr de cabeça, eu a conheço. Não respeita pyramidon nem fenacetina nem nada. Paciencia! E as finanças... Ora, deixe correr o marfim. O Tesouro tambem não está arrebentado? E eu sou melhor do que o Tesouro? No dia 2 penhorei com o Abrahão meus ordenados de dous mezes. Ladrão de agiota; 20 por cento de desconto! Ha de repôl-os no inferno. A pensão está com um atrazo de tres mezes. Tambem como póde uma pessôa pagar em dia a pensão numa terra onde os automoveis custam, nos dias de carnaval quarenta e cincoenta mil réis a hora?

Põe a mão no estomago:

— Diacho! será fome? E' fome. Não ha duvida.

Faz uma toilette ligeira. Veste-se. Toma o chapéo para sair. A' porta hesita.

— Mas onde irei eu almoçar? meu credito anda vasqueiro. Mas isso se verá.

Desce a escada. O bonde se aproxima. O folião vai fazer-lhe o signal de parar quando mete a mão no bolso do colete e vê que não tem um niquel. Disfarça, dá uma volta á bengala e põe-se a caminho a pé. O sol causticava. O folião calcula mentalmente a distancia que tem de marchar de S. Christovam á cidade e vai ruminando de estomago vazio, com os seus botões:

— Mas diverti-me. Diverti-me a valer!...

X.

O sol avermelhava o poente e as areias muito finas do albardão pareciam pepitas de oiro, dansando, brincando, rindo aos amorosos raios do grande astro, esgueirando-se pelo verde mar das vagas a ondularem lentas, leves e lubricas até á praia caprichosa, curva, como o collo de Aphrodite, emergido das aguas aos fulvos beijos da natureza em gala.

O céo azul arqueava-se voluptuoso para a terra fria e as nuvens muito brancas e preguiçosas ora se abriam, ora se fechavam, como um leque, pendulando para cá, para lá, numa successão offuscante, oscilante de imagens e figuras nas quaes se viam e reviam as areias, cheias de curioso encanto do crepusculo, esbatendo-se no verde escuro das montanhas distantes.

A terra silenciosa dormitava e as arvores, as folhas, os passaros e as flores cantavam poesias, ao longe, á prata pensativa, modulando-as, mysticas, musicadas, mornas e meigas, como si ellas a incitassem á meditação do medo das areias ciumentas, imaginando o rapto rapido da deusa esbelta, que as protegia a todas, e acalentava, defendendo-as dos vendavaes possantes.

A noite veio silente e com ella a lua, luxuriante de luz e lume, brotando do explendor opulento do seu eterno recato.

De subito ouviu-se o tanger de um hymno suave e sonoro e do seio do oceano, por sobre as aguas, envoltos no explendente fulgor de belleza estonteante, appareceram Arussahy e Periassú, os primeiros felizes namorados.

As areias cantaram então, o céo azulou-se e as montanhas longinquas despiram o véo nevoeiro, que as encobria, sorrindo á festa do universo.

As conchas mimosas, almas eleitas da creação, os invejadas do mar vinham atiradas, de cheio, de chofre, chorar na praia e assistir á triumphal passagem dos noivos queridos.

A mais bella entre todas assim lhes fallou:

«Noivos, filhos da ventura, protegei-nos contra o oceano, vós que o dominais; sêde clemente á nossa dôr, que alimenta as perolas, á nossa desventura, que vivemos, simples almas femininas, sem beijos, sem afagos, sem amor.»

Periassú, mirando-a, docemente enciumado, empurrava para o mar as outras conchas reluzentes.

A pobresinha escondia o rosto pequeno nas pequenas mãos da deusa das praias e continuava:

«Levai-nos todas comvosco; encheremos de encantos a vossa vida.»

N'isto, ella ouviu gemidos e soluços das pobres companheiras, que o mar tragava, satisfeito e mão, e afflicta, sublime de candura, beijando o rosto da primeira namorada, demandou-lhe:

«Consentis, Senhora, que o vosso noivo assim maltrate as minhas indefezas e frageis amigas?»

Arussahy, implorando no olhar a piedade de Periassú, respondeu:

«Sois tão bellas! Elle tem ciumes...»

Periassú, que vira a noiva acariciar a rosea concha real, soberbo e pleno de ciume, arrancou-a das mãos de Arussahy, atirou-a, raivoso, ao mar e riu, quando o collosso escancarou a immensa bocca para tragal-a.

D'ali por deante, sempre, por toda a parte, ouviram ambos as lastimosas queixas das conchas... vindas das vagas, a lhes pedirem, por compaixão, ao menos, não abandonassem aquellas que dormiam á praia, imoventes, confiantes, calmas e castas.

Nos paramos da felicidade, os noivos foram surdos! Mas sentiram todo o horror da sua indifferença, toda a grandeza do seu egoismo, no dia em que a rainha conchas lhes appareceu de novo, á praia, macilenta, pallida quasi a expirar a lhes dizer:

«Não vos apiedastes de nós exclusivistas do amor; fugistes ambos aos nossos carinhos; zombastes de nossa modestia! Palavras de bondade, essas só as tivestes para o nosso brilho e a nossa riqueza! Pois bem, Periassú, serás condemnado a errar toda a vida, á procura do intangivel, do sonho, da gloria, que não alcançarás, e os teus irmãos, a pouco e pouco, hão de perecer em busca da nossa alma virgem! E Arussahy fulgurará, para tormento teu, na vida, com as nossas proprias filhas, que se pendurarão como frutas ao seu collo d'ella, cheia de inveja pelo fulgor que impressiona, que domina, que destróe, que faz a terra e ha de consumil-a! Nós seremos eternas e lhe occuparemos o logar nas praias, de onde nos irão tirar para os salões, para o bello, para a emoção, para a Arte!»

Calou-se a concha e o proprio mar calou-se, impressionado.

Momentos depois ella estalava, abrindo-se, enterrando-se na areia, emquanto a sua alma de rainha se desprendia aos poucos do corpo para voar e cahir na infinda tumba do infindo soffrimento.

E nunca mais a felicidade existiu na terra...

Rio de Janeiro, 26-7-911.

EU.

Cartas de um Matuto

Comadre, antonte de noite,
Eu, burrecido da vida,
Entrei num café da Lapa
Que se chama-se Avenida.
Nas fieira de mesinha,
Tomando suas bebida,
Tava uma dóse de moça,
Mais muito desenxabida.

Eu, sentado no meu canto,
Mando vim um capilé,
E tando com muita fome
Peço o moço uns caragé.
Mais elle, todo espantado,
Com cara de pae Mané,
Começando a ri, me diz:
— «Não conheço o que isso é.»

— «Pois entonce, sió compadre,
Oia cá, presta attenção,
Si é que tá fallando sério
E não conhece elle não.
Quando a gente uma vez pórva
Esse «bôlo de feijão»,
Não póde esquecê mais delle,
E' cachaça, é devoção.

Se aperpára o caragé
Dum feijão especiá
Que custa muito mais cáro
Que esse nosso triviá.
Socca-se os bago na pedra
Inté elles desmanchá,
Faz-se os bôlo com pimenta
E despois é só fritá.

E' um bolinho gostoso
Como o sinhô não imagina,
Delles já tenho comido,
Só na janta, uma terrina.
Conheço entonce uma véia
Na cidade Diamantina
Que faz caragés soberbo:
A populá Placidina.»

Como não havia outro geito,
Comi cinco ou seis mãe-benta,
Uns bolinho de porqueira,
Sem gengibre e sem pimenta.
Por riba enguli dois cópo
Duma geléa gosmenta,
Despois paguei minha conta:
Mil oitocentos e oitenta.

O moço me trouxe o trôco:
Um vintem e um tostão;
Arrecebi logo o nicle,
O demeis eu não quiz não.
Todo o mundo aqui na côrte
Faz dessas ostentação:
Uns trata isso de grugêta,
Outros — gratificação.

Quebrei despois a esquina
Promóde me refrescá,
Pois tava um caló medonho
Da gente não aguentá.
Duma jinella de lado
Ouço uma voz me chamá:
— «Oia a porta! Entra sympathico!»
Vortei-me promóde oiá.

Era uma moça inda nova
Que não tinha nem vinte anno,
Linda, e rica (pois havia
Na sala della um piano).
Parecia inté, comadre,
(Mas isso mal comparano)
Com sua sobrinha Fifi,
Muié do Feliciano.

Como eu parasse na rua,
A moça tornou falá:
— «Entra, sinhô, sem receio,
Que é que tá a matutá?»
Seria indelicadeza
Ao convite recusá,
Por isso fui logo entrando
Dereito nesse lugá.

Parecia uma pensão,
Pois na sala de jantá
Havia mais quatro moça,
Todas a tagarellá.
A dama que me chamára
Me fez á meza sentá
E proguntou si eu queria
Arguma coisa tomá.

Entonce veiu uma véia
Com nariz de pica-páo
E serviu uma bebida
Preta, de nome cacáo.
E despois enchendo os calis
De outro licô — curaçáo,
Proguntou si eu era fio
Da terra do Wenceslão.

Respondi que era mineiro
E, por riba, coronel;
Mostrei ellas mia carteira
Com tres conto, e os meus anné.
Houve entonce um alarido
Entre o grupo das muié,
Cada quá mais agradáve
A me fazê tagaté.

A moça que me chamára
Debruçada na jinella
Era a mais linda de todas,
Que carinha de gazella!
Disse sê tombém mineira,
Fia dum doutô Varella,
Estudára num collegio
E chamava Flôrisbella.

Inda veiu outras bebida,
Muitos licô dos mais fino,
Uns amargo, outros gostoso,
Mais queimando os intestino.
Bebi piperman, vermú,
Genebra, benedictino,
Tanta cerveja e champanha
Que quasi perdi o tino...

Lá pras tres da madrugada
Quando eu ia se retirá,
A véia trouxe uma conta
Promóde eu antes pagá.
Noventa mil e quinhento
Quiz a bruxa me arrancá.
— «Nada devo, eu disse logo,
Pois nada mandei buscá.»

Entonce as muié gritava
Quá bando de maritáca:
— «Paga, véio do diabo,
Rança pra fóra as patáca!»
Uma vermêia e dentuça,
Com cára de jararaca,
Avança pra mim furiosa,
Me rasga a sobrecasaca.

Eu inda quiz sê prudente
E disse áquellas diaba:
— «Uê gentes, que modo é esse?
Pruquê vancês ficou braba?
Parece inté mêmo a feira
De burro de Sorocaba,
Bamo conversá dereito,
Caba co'esse motim, caba!

Vancês qué que eu pague a conta
Mais eu não devo pagá;
Que diga siá Flôrisbella
Que me convidou pra entrá.
E eu, um home inducado,
Havéra de recusá?
Não foi de propria vontade
Que vim aqui passeá.

La na terra onde nasci,
Quando alguem visita a gente,
Parece logo na sála
Um cafésinho bem quente.
Si é visita de cirmonha,
Mêmo que seja parente,
Dá-se ás vez vinho, cerveja,
Ou coisas correspondente.

Ninguem cóbra das visita
As bebida que lhes dá,
Nunca vi tá disprópósto
Em São João de Sabará.
Mais, pra evitá discussão,
Eu tou disposto a pagá
Só a parte que bebi;
Faça a conta que é pra já!»

Aquellas muié damnada,
Como cóbra caninana,
Tinha bebido e fumado
Cigarros cáro de Havana.
E queria que eu pagasse
A conta da carraspana,
Mais eu não cahi no laço
Pruquê nunca fui banana.

Entonce as bicha fizero
Uma horrive gritaria
E fumo todos pará
Preso na delegacia.
O delegado, um doutô
Mineiro que eu conhecia,
Felizmente me livrou
Daquella velacaria.

Essa licção me serviu,
Comadre, por toda a vida;
E jurei por todos santo
Nunca mais tocá bebida.
Principalmente si fô
Por damas offerecida,
Pois não quero mais me vê
Mettido nessas mexida.

Comadre, adeus, vou agóra
Tocá no meu violão
E alembrá da nossa terra,
Entoando umas canção;
Promóde vê si afugento
As tristeza e as oppressão.
Seu compadre que lhe estima
TIBURCIO D'ANNUNCIAÇÃO.

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO COMPRA

Tonico Cascudo

O homem chamava-se Antonio Alves Onofre, mas era tratado por Tonico Cascudo. Era esse o nome que todos lhe davam, e foi sob esse nome que o conheci em 1905, no arraial do Quebra Cangalha.

Nessa occasião Tonico Cascudo já tinha perdido metade da casca. Era a personagem fundamental da localidade. Era o rancheiro, negociante, hoteleiro, subdelegado e major da guarda nacional.

Obsequioso e serviçal, travamos relações e ficamos bons camaradas. Ainda me lembro que de volta á cidade, lhe mandei de presente um isqueiro de niquel com um metro de mécha, da bôa. Emfim, ficamos amigos.

Tonico Cascudo nunca tinha ido á cidade sinão uma só vez, que saira jurado em um processo de importancia. O accusado era do partido situacionista, e ele, um filiado ao mesmo partido, fôra á cidade cumprir o seu dever de absolver o homem. Afinal não o absolveu nem condenou, porque foi recusado pelo promotor.

Dessa sua primeira visita á cidade contavam-se muitas anedotas, entre as quaes a da sopa de macarrão que comeu em casa do coronel Alves, chefe politico que o hospedara. Apreciou tanto a sopa que repetiu, e como lhe perguntasse o amfitrião se estava gostando, respondeu :

— Muito. Nunca vi coisa tão bôa. E, veja o senhor: tenho tanta galinha em casa e nunca lembrei de fazer isto.

— Mas esta sopa não é de galinha ; é de óssos.

— De óssos ?

— Sim ; de caldo de ossos.

— O caldo estou vendo que é de óssos. Mas eu falo é destas tripas de galinha...

Não sei se o fato é verdadeiro. Já o vi mesmo atribuido a dous ou tres coroneis da roça. E como o Tonico era apenas major, exige a disciplina que, no caso de duvida se opine pelos seus superiores hierarquicos.

No dia seguinte ao caso da sopa de tripas, o Tonico Cascudo jantou comigo.

Portou-se na mesa com toda discreção. Depois do jantar lhe passei os palitos.

— Não senhor, obrigado. Hontem na casa do coronel Alves comi tres destes pausinhos e não me dei bem.

X.

INSTANTANEOS

Praia de Botafogo

Ella, admirada: — Que milagre é esse, meu marido? Não saes esta noite?

Elle: — Não. Quero vêr o que se passa em minha casa, quando não estou!

O CONSUMO DO PÃO. — O consumo do pão nos varios paizes durante estes dez ultimos annos forneceu elemento para uma curiosissima estatistica do secretariado agricola dos Estados Unidos.

Segundo essa estatistica, é no Canadá que se come mais pão : 34.523 kilos por habitante naquelle lapso de tempo.

Vêm depois ; a Belgica, com 30.162 ; a França, com 28.079 ; a Hespanha, com 22.167 ; Inglaterra, 21.804 ; Suissa, 21 084 ; Australia, 19.987 ; Italia, 19.624 ; Allemanha, 11.629 ; Brasil, 8.036 ; e depois, em ordem decrescente : Russia, Servia, Suecia, Portugal, Mexico e Japão. Nesses mesmos dez annos cada japonez não comeu sinão pouco mais de um kilo de pão.

As ultimas inundações

Antecipando-se a estação vernal, uma impertinente chuva andou a encher ruas e a transbordar rios, transformando a nossa capital, mormente certas ruas centraes e de arrabaldes, em um verdadeiro charco, recortado de temiveis canaes sussurrantes.

Espalhando o panico entre os moradores desses lugares e destelhando-lhes as vivendas, o aguaceiro continuo e constante dos ultimos dias não só provocou desastres materiaes como arrancou vidas e arrastou gente em suas potentes correntezas tal a daquella infeliz creança que foi arrebatada dos braços dos paes, para lhes ser restituida cadaver.

Felismente, voltando o sol, cessou o panico, pois que as aguas baixaram.

I — Rua Mattozo. II — Praça da Bandeira.
III — Rua São Christovam. IV — Rua Francisco Eugenio. V — Rua Dr. Maciel.

AS ULTIMAS INUNDAÇÕES

Rua São Christovam

I — Rua Barcellos. II — Rua Mattozo. III — Rua São Christovam. IV — Rua Itabirú

Proverbios militares

Não se deve mexer em fogo com a espada.

Toda culpa se paga.

A união faz a força.

Quem é poderoso se faz temer.

Sol na vista, batalha perdida.

A guerra é o guarda-comida dos abutres.

Pequenas escaramuças fazem uma grande guerra.

Aos mais poderosos, o mundo.

Não se póde pôr tres homens em quatro fileiras.

Feliz aquelle que longe da guerra póde cultivar sua terra em paz.

Na guerra e na batalha, só a coragem é que vale.

Guerra começada, não se sabe quando acaba.

Lamina curta, bôa espada.

A paz faz os ninhos e a guerra os destróe.

Quem tem terra, tem guerra.

Armadura não vale nada si não é defendida.

Um sabre faz ficar o outro na bainha.

O bom escudeiro faz o bom cavalleiro.

O bom cavallo guia o seu cavalleiro.

A guerra e a tempestade não duram sempre.

Voltam da guerra muitos que nunca viram uma batalha.

Muitas vezes o desespero tem ganho batalhas.

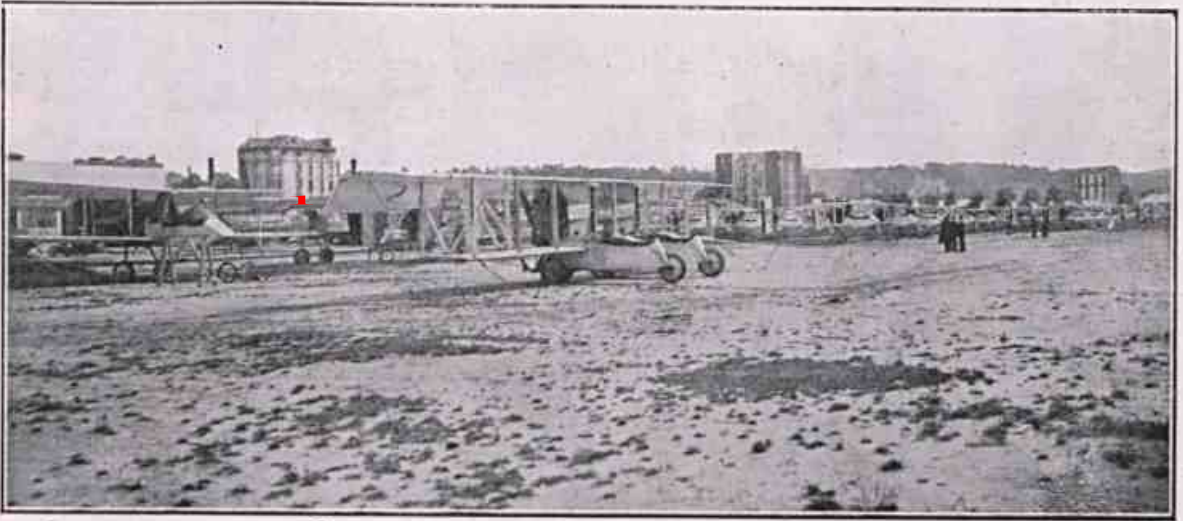
PONT-ARCY (AISNE)

O coronel Gayral á entrada do seu abrigo

A guerra nas linhas francezas

Um coronel no seu abrigo

Camara subterranea dos officiaes de artilharia

A GUERRA

Uma serie de apparelhos de ataque

Proverbios e annexins em doses homœopathicas

— Ata o burro onde te manda o dono.
— Gosa do teu pouco, emquanto busca mais o louco.
— De livro fechado não sahe letrado.
— Muito se gasta, e um pouco basta.
— Tarde dá o que espera que lhe peçam.
— No que tiveres de pagar, não te faças demorar.
— Dos escarmentados, sahem os avisados.
— Gallinha velha faz bom caldo.
— Quem furta a ceia ao velho, quer-lhe bem.
— Queime-se a casa, mas não faça fumo.
— Até as rãs mordiam, si tivessem dentes.
— Dize-me do que te gabas, dir-te-hei o que te falta.

MARICÁ JUNIOR

A GUERRA

Vista de uma mina franceza que explodiu sob as linhas allemães.

SOBRE CASAMENTO

A noiva arabe faz ao noivo presente de uma lança e uma tenda.

•

Em muitos paizes ninguem se casa no dia dos Santos Inocentes, 27 de dezembro, por ser considerado de máo agouro.

•

Os nossos antepassados consideravam de máo agouro a noiva não chorar no dia do casamento.

•

Um proverbio italiano diz: «Em terças e sextas feiras não cases nem inicies viajem».

Na China pendura-se toucinho e assucar na cadeirinha da noiva, afim de que os demonios não a molestem na viajem.

•

A noiva chineza, emquanto se veste, fica sobre um cesto grande e chato. Isto tem por fim fazel-a de bom genio.

•

Antigamente o anel nupcial era primeiro colocado no polegar, depois no indicador, depois no dedo médio, afinal no anular, onde ficava.

•

A cerimonia do casamento na França, em tempos muito remotos, consistia em o homem aparar as unhas, mandal-as á noiva. Então se tornavam marido e mulher.

Club Gymnastico Portuguez

Festival Concerto em 12 de Março

O conjuge que se levantar primeiro depois da bençam nupcial será o que mandará na casa.

•

Na Escossia se acontece um cão romper por entre os noivos seguir-se-á uma desgraça.

•

Nos paizes scandinavos se acredita que sendo impar o numero de convidados de uma bôda, um deles morrerá.

•

Entre algumas raças orientaes é costume grudar moedas na fronte do noivo.

As noivas alemans tinham o costume de tirar o sapato e lançal-o entre os assistentes. Aquele que o conseguia pegar estava certo de casar-se cedo.

•

O ultimo dia do ano é o preferido para casamentos na Escossia.

•

Terça e quarta feira são considerados os dias mais felizes para casamento na Bulgaria.

•

Os casamentos devem realisar-se quando a lua é crescente, e não na minguante.

Centro Beneficente Bernardino Machado

Gremio R. Portuguez

Granada de mão

No Oriente o arroz com casca tem uma aplicação original; serve para capturar criminosos. Esta aplicação origina-se da idéa de que o temor torna o céu da boca secco, e que o criminoso, dominado pelo temor, acha quasi impossivel engulir qualquer substancia dura com facilidade.

•

A America do Norte é a terra das grandes catastrofes, dos grandes incendios. O Mexico, estimulado pela vizinhança não lhe quer ficar atrás. Recentemente um incendio que se deu em um poço de petroleo do Mexico, o maior do mundo, levantou uma enorme lingua de fogo a uma altura de 600 metros. A luz produzida foi tão brilhante, que se podia ler um jornal, em plena noite, a dez kilometros de distancia.

•

A Alemanha, inexcedivel em tudo que diz respeito á guerra, emprega todos os meios a seu alcance para manter o animo não só das tropas como da sua população. Para tal fim, até o começo deste ano, já haviam sido cunhadas na Allemanha medalhas para comemorarem oitenta e cinco vitorias germanicas.

O commandante inglez na Mesopotamia
General Sir Percy Lake

•

Uma das montanhas de Ceylão tem uma sombra singular. Todas as sombras se extendem pelo solo. Esta parece sem excepção. Pois não é. A sombra desta montanha singaleza se levanta como um véo, na frente do observador. Este fato é devido á humidade.

•

Os chamados elefantes brancos são de côr cinzento clara. O mais claro desses animaes sagrados que já se viu em Sião foi um levado a Bangkok por um circo europêo. Mas um bello dia choveu, a agua levou a tinta, e o elefante escureceu, com grande indignação dos siamezes mistificados, os quaes quizeram linchar o diretor do circo.

X.

PORTUGAL NA GUERRA

Organização do Prestito no Gremio R. Portuguez para a grande Manifestação da Colonia Portugueza á Imprensa

TRIANON

Os pequenos artistas que constituem a «troupe» Galhardo, depois de uma serie de espetaculos no elegante theatrinho da Avenida, despediram-se do publico, deixando bôa impressão do rudimentar trabalho que apresentavam diariamente.

Substituil-os-á no palco desse theatrinho uma companhia dramatica sob a direcção da velha e applaudida actriz Maria Falcão.

E' de esperar-se, portanto, que em breve surja no Trianon uma companhia excellente com repertorio escolhido, dado a competencia comprovada e a pratica longa de sua organisadora.

A farça senatorial e os derradeiros comparsas eleitoraes em pôse.

Os filhos de Oscar Wilde na guerra

Na recente obra de Robert Sherard *The Real Oscar Wilde*, ha a seguinte referencia aos filhs do desventurado poeta:

«Destes rapazes, Cyrillo, o mais velho, a quem eu só tinha visto uma vez quando era creança de peito, reuniu-se ao nosso grupo de heróes na immortalidade. Cahiu combatendo por sua patria, no campo de Flandres, a 9 de maio de 1915, contando 21 annos de idade. O outro irmão, Vyvyan Holland, está, no momento em que escrevo, na frente, no R. F. A. Elle foi educado em Stonyhurst, e foi dalli para Trinitz Hall, em Cambridge. Quando partia foi chamado para Bar, porém então rompeu a guerra e foi mandado em commissão para o R. F. A. Eu só o vi durante o processo em que Robert Ross esteve envolvido, e me recórdo do tocante tributo — no compartimento das testemunhas em Old Bailey — que elle prestou ao amigo de seu pae, que, como elle dizia, fôra um segundo pae para elle e seu irmão».

Um caôlho discutia com um sujeito que o não era, sobre qual dos dous via mais.

— Está dito; disse o homem dos dois ólhos. Quanto vale a aposta?

— Vinte mil réis! disse o de um olho só.

— Feito.

— Pois então perdeu! disse o caôlho.

— Perdeu como?

— Porque eu lhe vejo dous ólhos, e você me vê um só.

REMIREMONT

Prisioneiros allemães desfilando diante do general Maudhuy

A GUERRA NA CHAMPAGNE

Prisioneiros seguindo para a estação de embarque

A SEMANA ASTROLOGICA

As pessoas nascidas em março

12 — Deverão desconfiar das relações femininas. Vida laboriosa e difficil.

13 — Imprevidencia, prodigalidade, dissipação.

14 — Amor do luxo, dos prazeres, do jogo e da ostentação.

15 — Espirito de dominação que fará vencer na vida.

16 — Grande penetração, intelligencia lucida.

17 — Terão pouca felicidade e ficarão arruinados.

18 — Grandes aptidões para as sciencias e para as bellas artes.

Uma columna de prisioneiros allemães passando pela cidade de Remiremont

A rainha Elisabeth da Rumania, conhecidissima no mundo litterario pelo pseudonimo de Carmen Sylva recentemente fallecida

LIÇÃO DE COISAS

Na escola primaria. O Pedro é um aluno rhombo de espirito, mas a professora não desanima de lhe introduzir conhecimentos na cabeça.

— Pedro, diz a professora, os carneiros são uteis ?

— Sim senhora.

— Para que ?

— Para... para...

O menino hesitava. A professora animou-o com bondade :

— Diga para que.

— Para a gente montar nelles...

Risada geral na classe. A professora bateu na mesa, fez calar os pequenos e continuou com o Pedro.

— Você não entendeu bem o que eu pergunto. Diga. Qual é o produto principal dos carneiros ?

O menino, mudo.

— A lã ; não é verdade ?

— E', sim senhora.

A professora proseguiu.

— E a lã para que serve ?

O menino, nada.

— Vamos, Pedro, pense um pouco. A lã do carneiro é um produto util que se vende por bom dinheiro ás fabricas de tecidos. E porque é que os fabricantes de tecidos compram lã ? Que é que se faz com ella ?

O menino não respondia. Era demais. A professora perdeu a paciencia, ficou nervosa e disse :

— Ora menino, diga uma cousa. De que é feita esta roupa que você está vestido ?

— De pano.

— Pano de que ?

— De uma roupa velha de papai.

X.

ACADEMIA DE LETRAS

Em nosso numero de 11 do corrente, com autorisação expontaneamente conferida pelo eminente poeta Luiz Murat, que para esse fim veio a esta redacção, declaramos que o grande artista das *Ondas*, descontente por que lhe attribuiam a culpa da demora da posse academica de Emilio de Menezes, por ter recebido e deixado sem resposta o discurso de recepção do substituto de Lucio de Mendonça, escrevera uma carta ao sr. Rodrigo Octavio, desistindo da honra de receber o grande poeta dos *Poemas da Morte*.

Se ha, neste caso, como o entende o vespertino *Jornal do Commercio*, uma intrigasinha de esquina, o cochicho intrigante não partio de *Careta*, que não reside em quina de rua e não tem interesses na Academia.

Com autorisação do eminente artista Emilio de Menezes, declaramos que este ainda não remetteu e nem disse que havia mandado o seu discurso de estréa academica a Luiz Murat e que desistirá de tomar posse de sua merecida cadeira de immortal se o seu illustre confrade persistir na resolução por nós publicada.

O jantar de hoje não deve prejudicar ao almoço de amanhã. — CHATILLON-PLESSIS.

NOVA FRIBURGO

Veranistas no jardim da praça Payssandú

SEJA ECONOMICO !

Recuse o movel barato que sempre lhe sahe mais caro !

Exposição Permanente
Rua do Ouvidor, 93-95

Leandro Martins & C. — Ourives, 39-41-43

Catalogos gratis para
os Estados.

Redacção — Rua 15 de Novembro, 27 — 1º andar

O CARNAVAL

Numa nervosa vibração passou, casquinando no ar, a alegria estardalhaçante de Mômo, o bom deus da folia.

Breves momentos de inefavel loucura, elles tiveram, ainda assim, o miraculoso poder de dispersar, como uma fresca lufada o fumo negro que se condensa no alto, o sombrio cuidado das almas assoladas pelo desconforto das coisas tristes...

• • •

Mentirosos os que affirmavam mirrada e morta, sem um tenue evolar de perfumes inebriantes ou uma vaga fulguração de mocidade e de graça, a flôr divina do riso.

Faltava-lhe, sim, para que logo esplendesse numa victoriosa symphonia de côres vivas, e para que do seu calix vermelho subisse, phosphorejando, a emanação aromatisada de sua alma apenas desfallecida, o sol acalentante do enthusiasmo, a caricia mordente dos embriagadores delirios desfeitos na luz empoeirada de ouro de dias infinitamente lindos...

• • •

Ephemero desabrochar, vida passageira que se esvae ao termo de tres curtos dias, apezar disso, deixa par todo o anno, como uma leve crepitação de sol numa colgadura de sombras, um luminoso traço phosphorescente que amenisa um pouco a opacidade entristecedora desses doze mezes fugaces...

• • •

A alegria, tonificante e redemptora, surdio com a alvorada de segunda-feira, porque domingo, cognominado — «o gordo» —, foi todo de nevoa e chuva. Um dia horrivel, de horizontes enfarruscados, de onde a agua cahia em catadúpas, incessantemente, inundando tudo; não houve o corso, a festa brilhante tão anciosamente aguardada, com a Avenida, cheia de flôres e de verdes ramagens, rutilando na amplitude do seu asphalto luzido. Os poucos automoveis que lá se aventuraram, conduzindo abnegados foliões que tentavam, sob a inclemencia inexoravel do tempo, fazer brotar daquelle ambiente saturado de humidade carnavalesca e bruma, um pouco de enthusiasmo pelos folguêdos carnavalescos, debandaram logo, numa fuga vertiginosa, para os telheiros das silenciosas garages.

A chuva, impiedosa e continua, não deixou uma unica aberta, um passageiro intervallo, por onde a alegria alviçareira esfusiasse, num clamôr de festa...

Tivemos, assim, apenas dois dias de carnaval; esses, porém, valeram bem os tres, tão justamente nos compensaram das esperanças que se fizeram em malogro...

• • •

As festas, pois, de domingo, se limitaram aos bailes «masquès». No «Club Internacional» não faltou animação e brilho; dansou-se até tarde, e não foi sem um grande pezar que os pares se desenlaçaram, já ao alvorescer... No Municipal, tambem, o riso venceu o torpôr que vinha de fóra, das ruas inundadas de agua...

Fóra isto, as festas do Apollo, do Casino, do Colombo...

• • •

Sabbado realizou-se a «soirée» promovida por um grupo de alumnas do «Conservatorio Dramatico e Musical». Phantasias de muito gosto desde o irriquieto «pierrot» até á fidalga de cabello empoado e amplo decóte lantejoulado de

BELLEZAS PAULISTAS

Mlle. Maria de Lourdes Toledo

diamantes e perolas, radiante alacridade a resumbrar de todas as physionomias, luz, musica, perfumes, e, sobre tudo isto, o encanto perturbador da mocidade triumphante, a suggestão velludosa das formosuras femininas, da plastica impeccavel, dos sorrisos vibrantes, illuminados pelo lactescente fulgôr dos dentes emperolados...

. ˙ .

A festa das crianças, no «Club Internacional» levada á effeito na tarde de 2ª feira, foi uma deliciosa novidade. Não faltaram surprezas. A petizada e, com ella, muita moça taluda, compareceu phantaziada á caracter. Que primôr, que cuidado e fino gosto souberam pôr na confecção dessas phantazias! Que riqueza de detalhes, que requintes nos atavios e no setinado das côres! Um triumpho completo.

A' noite, nos tres dias, musica e dansas. A fina flôr da sociedade paulista alli esteve, numa victoriosa exhibição de elegancia e de encanto.

O «Club Internacional» mais uma vez, neste carnaval, alcançou o disputado «record» da seducção, da alegria e do «chic»...

. ˙ .

Outros bailes á phantazia, na «Rotisserie Sportman» e no Salão Germania, este promovido pelo «Rose Club», foram motivo para muita loucura e para muito enthusiasmo. O «smart-set» paulistano alli esteve, em ambos os salões, num empolgante esplendor de graça, mocidade e luxo...

. ˙ .

Os prestitos carnavalescos foram, este anno, insignificantes; não vale a pena enumeral-os. Argonautas ou Fenianos, Tenentes do Diabo ou Democratas, ninguem venceu, pois nos carros que se apresentaram nas ruas não se vio vestigio de esforço...

Em compensação houve muito povo, uma alegria tumultuosa no «triangulo», segunda e terça. Toda a gente se divertio e vendeu-se por ahi bastante «confetti», muito «lança-perfume» e «serpentinas»...

Foi pouco, talvez. Tenha-se, porém, em vista, a crise, a guerra, o desconfôrto e o desanimo que pelo mundo andam a opprimir os espiritos e a ceifar vidas sem conta, e achar-se-á, ainda assim, que o carnaval de 1916, em S. Paulo, foi um delirio insensato.

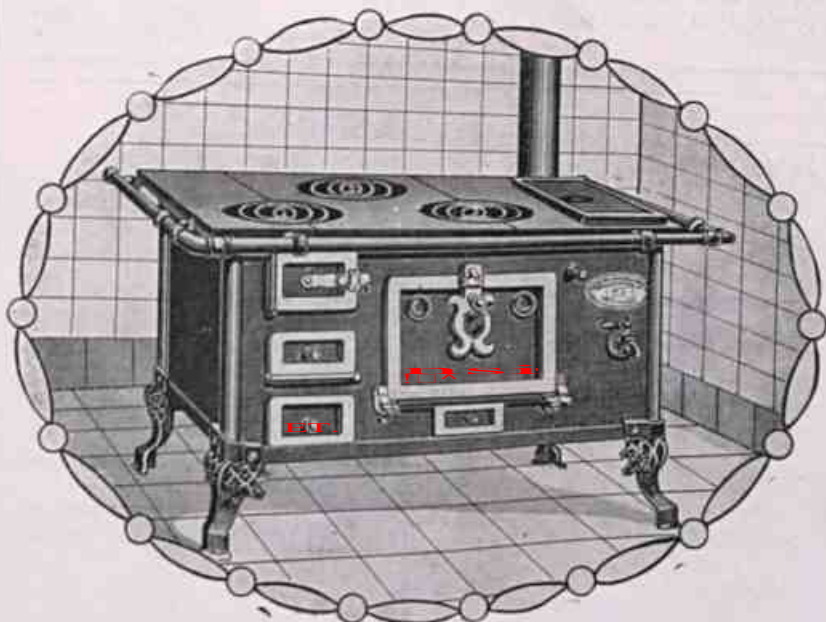
Numa manifestação de arraial

O orador:

— Devemos ser patriotas. Vêde, por exemplo, os arabes, como estão ligados ao seu paiz!

Um aparte:

— Pudera! E' o paiz da gomma arabica!

DEPOSITO BERTA

Grande stock de:
Cofres á prova de fogo,
Camas metallicas,
Prensas para copiar,
Caixetas para
joias, Fogões economicos, etc.

FOGÃO "BERTA"

Para lenha e
coke é o mais economico

MOREIRA LEÃO

Rua Uruguayana, 141 — Rio de Janeiro

FLAMENGO

Na hora do Footing

SÓ COM OS DEDOS

O dentista japonez timbra em não usar de outro instrumento alem dos dedos, na extração dos dentes de sua vitima. Eis como ele se trena. A principio se exercita a extrair com os dedos polegar e indicador, uns tornos de madeira solidamente enterrados numa taboa. Depois passa a tornos mais duros em uma taboa mais solida. Nisto leva um ano. Quando se acha perito nesse exercicio, passa a extrair tornos de madeira muito dura, solidamente enterrados no marmore. Quando consegue praticar esta proeza está habilitado a exercer a sua profissão.

Um bom dentista niponico segura um queixo com a mão esquerda e arranca seguidamente cinco ou seis dentes sem descansar para tomar folego.

Embora isto pareça impossivel, é pura verdade.

O parlamento japonez reuniu-se pela primeira vez em 1890.

FLAMENGO

Na hora do Footing

NO TRIBUNAL

Entra em julgamento um meliante da peior especie, ladrão de gallinhas e outros removentes, arrombador sempre que se deparava occasião, e batedor de carteira nas horas vagas. A accusação é cabal. Todas as suas proezas são mais que provadas. Chega a hora do interrogatorio.

O juiz concerta o pince-nez e interroga com toda a solenidade:

— Como se chama?

— João de Deus; mas eles me dão o apelido de João Rapa-tudo.

— Que idade tem?

— Sei lá!... Devo ter uns trinta anos.

— De onde é natural?

— Deste mundo de meu Deus.

— Solteiro ou casado?

— O sr. acha que alguma mulher podia ter coragem de casar comigo?

— Sabe ler e escrever?

— Qual nada!

Riso na audiencia. *Triiim!* O juiz toca o timpano e continúa:

— Tem alguma cousa a alegar a seu favor?

— Tenho, sim senhor.

— Pois diga.

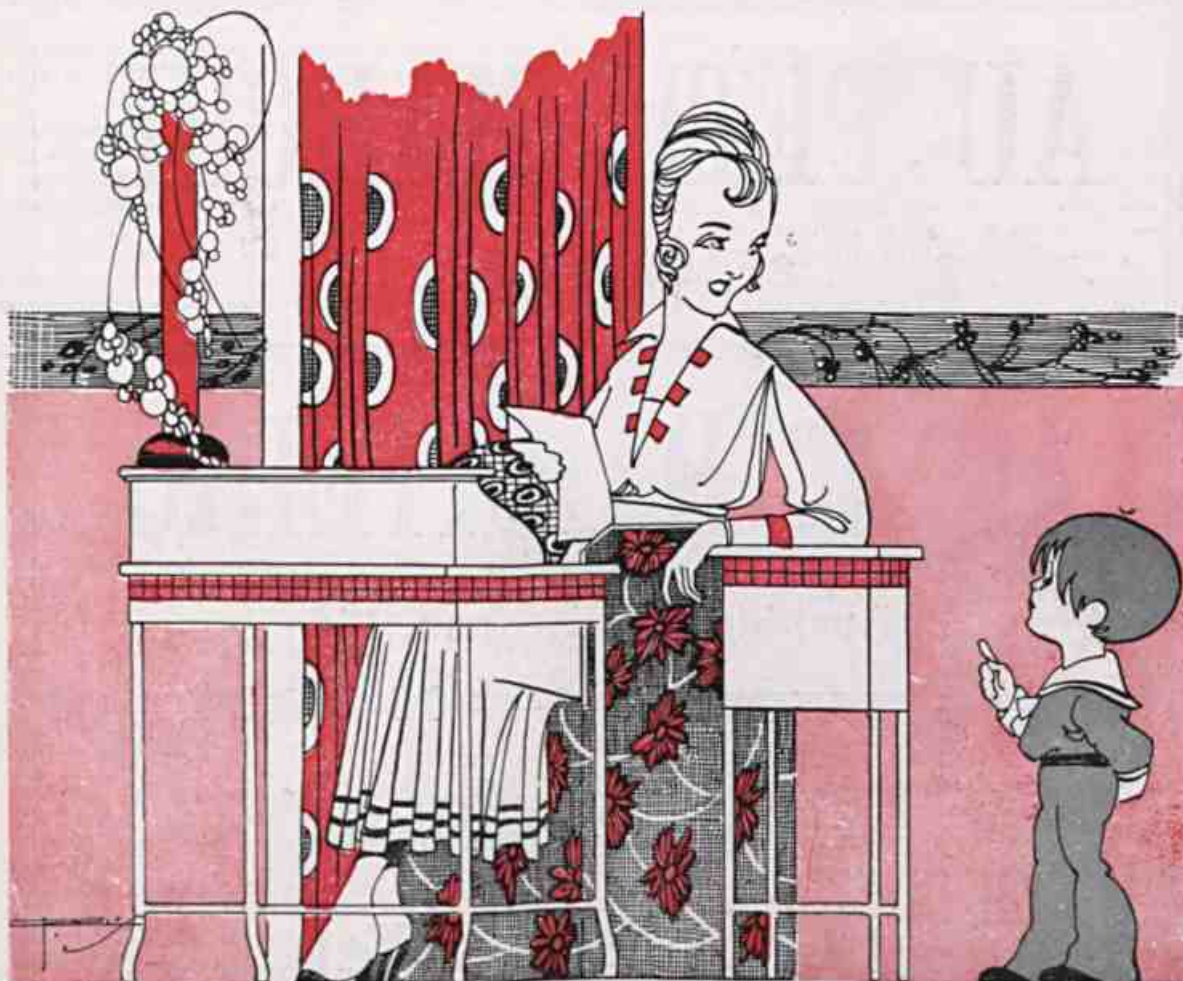
— E' que eu sou na verdade ladrão, vagabundo, e outras coisas mais. Reconheço tudo isto. Mas o senhor em vez de meter na cadeia, devia me mandar em paz, e ainda por cima me agradecer.

— Que está dizendo? atalhou o juiz.

— E' isso mesmo. Estou dizendo que o senhor devia me agradecer e me mandar em paz. Porque se nós, gatunos e desordeiros, déssemos todos para ficar gente direita e cordata, o governo não precisava pagar juizes...

O juiz: — *Trlim... trliim.... trliiiim....* Aviso a audiencia que, se continuar a rir, mandarei evacuar a sala.

X.

Os mendigos

LULU — Nos dias de carnaval ha pobres, mamãi?

— Então?... Sempre ha pobres.

LULU — Mas ninguem lhes dá esmolas, não é?... Todos pensam que elles estão fantasiados...

O MELHOR SORTIMENTO

O MENOR PREÇO

A' FORTUNA

Praça 11 de Junho

AU PETIT-MARCHÉ

86, Ouvidor, 86

AO 1°. BARATEIRO

Avenida Rio Branco, 100

As casas que

mais vantagens offerecem

ARCHIVO UNIVERSAL

O ALUMINIO. — O aluminio é um metal muito leve, que peza tres vezes menos do que o ferro, e só tres vezes mais do que o orvalho. A actual conflagração européa generalizou o seu emprego. Os obuzes allemães guarnecem-se de «foguetes» de aluminio que são transformados, nas trincheiras, pelos soldados alliados, em encantadoras joias: anneis, corações, cruzes, etc., que são enviadas ás suas mães, irmãs, filhas e noivas.

Ha bem pouco tempo, o aluminio era um metal raro, apenas conhecido pelos chimicos como uma curiosidade de laboratorio. Conseguiu-se depois obtel-o industrialmente e por um preço diminuto, dilatando-se então o seu uso.

* * *

CABELLEIRAS MATRIMONIAES. — Na ilha de Corfú, logo que uma rapariga se faz noiva, começa a usar uma basta cabelleira postiça, repartida de um lado da cabeça e trançada com tiras de panno vermelho.

Essa cabelleira é assim usada durante toda a vida de casada, e passa de geração em geração.

* * *

O CRESCIMENTO DAS UNHAS. — O professor E. Yung passou nada menos de quarenta mezes, ou sejam tres annos e meio, estudando... o crescimento das unhas. O objectivo que Yung se propunha era determinar a rapidez com que crescem as unhas, para o que conseguiu cinco individuos de idade differente, os quaes se prestaram á experiencia. O professor, para observar quanto cresciam as unhas, ia fazendo nellas marcas com uma serra finissima, tomando nota das datas e horas dos signaes. Por esse systhema, ao cabo de tres annos e meio chegou ás seguintes conclusões:

1º — A média do crescimento das unhas é de 1 millimetro e 45 cada 14 dias, ou seja 104 millesimos de millimetros e um decimo por mez de 30 dias.

2º — A unha do pollegar cresce mais rapidamente que a do dedo minimo, notando-se que a rapidez do crescimento das unhas vae diminuindo daquelle dedo para este.

3º — A comparação dos termos médios concernentes á mão direita, com os obtidos em relação á esquerda, demonstram que as unhas da primeira crescem com mais rapidez que as da segunda.

4º — Quanto á influencia da edade, o maximo do crescimento é observado nos individuos que se acham na força da vida, isto é, entre 30 a 40 annos.

* * *

O CASAMENTO ENTRE OS GREGOS. — Um singular costume caracteriza a cerimonia do casamento entre os camponios gregos. Quando a noiva chega á casa do noivo, após a cerimonia do casamento, ella unta de mel o centro da porta; afastando-se então um pouco, atira uma romã naquelle ponto até partil-a.

Conforme as sementes ficam ou não colladas á porta, considera-se o caso de bom ou máo agouro para os recem-casados.

— Em que se deve fallar a uma senhora de cerimonia?

— Fala-se da sua belleza.

— E si não é bonita?

— Fala-se então da fealdade das outras.

Bumba, meu boi

— Ora, *seu* Simplicio. Vá amolar o boi.

— Mas como, senhorita... Meu boi morreu...

MEDICINA EM PILULAS

São permittidos aos diabeticos os legumes aquosos: feijões verdes, tomates, cebolas, rabãos, nabos, espinafre, azedinhas, couves, endivias. — Von Noorden.

*

Nada desenvolve tanto os instinctos animaes e grosseiros como o uso da carne e do sangue. — Belonino.

*

As cerejas são diureticas e servem para preparar tisanas uteis aos gottosos. — Gubler.

A cerveja engorda, mas não dá ao corpo nenhuma força de resistencia. — Kneipp.

•

A ebulição purifica a agua: a temperatura de 100 gráos mata os germens da febre typhoide e do cholera. — Dr. Thoinot.

•

O exercicio physico e um banho quente bastam para conciliar o somno. — Dr. Fleury.

•

Quem come pouco e bebe pouco não está sujeito a nenhuma doença. — Hippocrates.

Emulsão de Scott

é um poderoso alimento-medicinal que por si só contem todos os elementos necessarios para dar saude e robustez.

EXPERIMENTEM-O PARA SE CONVENCEREM.

314

O LOPES

É quem dá a fortuna mais rapida nas Loterias e offerece maiores vantagens ao publico

Casa Matriz: OUVIDOR, 151

Filiaes:
- QUITANDA, 70, esquina de Ouvidor
- 1º DE MARÇO, 58
- 15 DE NOVEMBRO, 50, São Paulo
- LARGO DO ESTACIO DE SÁ, 88
- RUA GENERAL CAMARA, 862 (Canto da Rua do Nuncio

O Turf-Bolo e mais apostas sobre corridas de cavallos: RUA DO OUVIDOR, 181

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil

Extracções publicas sob a fiscalisação do Governo Federal, ás 2 1/2 horas e aos sabbados ás 3 horas á RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 43

Sabbado, 25 de Março

A's 3 horas da tarde

325 — 10ª

50:000$000

Inteiro 6$400 — Oitavos a $800

Sabbado, 1 de Abril

A's 3 horas da tarde

339 — 3ª

50:000$000

Inteiro 4$000 — Quintos a $800

Figuras e cousas de outras terras

O REI DO MONTENEGRO. — Nicoláo, rei do Montenegro, ora exilado de sua patria pela fatalidade da guerra, foi, durante muito tempo um dos principes mais respeitados da Europa.

A dymnastia montenegrina, a casa de Petrovitch Niegoch, é descendente do principe-bispo Danilo Petrovitch de Niegoch, o primeiro da actual familia reinante e successor do principe-bispo de Cettinhe, que eram celibatarios e usualmente escolhiam um sobrinho como herdeiro. Esse Danilo começou a reinar em 1696.

Danilo I, que foi assassinado em 1860, era tio do actual rei, que lhe succedeu como principe herdeiro em 14 de agosto do mesmo anno. Logo após sua subida ao throno, o principe Nicoláo, que nascera em 1841, achou-se a braços com grandes difficuldades, e em 1862 rompeu a guerra entre o Montenegro e a Turquia. Mirk, pae do principe, fez uma heroica defesa de Ostrog; mas a guerra foi desastrosa para o Principado, que soffreu funestas e severas imposições no tratado de Scutary. Durou a paz quatorze annos; e, posto que a região montenegrina muito soffresse então com a fome e a peste, o principe Nicoláo fez no paiz importantes reformas, reorganizando o exercito e desenvolvendo a instrucção publica. Iniciou igualmente o Montenegro na vida constitucional, concedendo ao Senado certas prerogativas do principado. Em 1869, elle livrou o seu povo de uma guerra com a Austria; mas, em 1875, fazendo alliança com o principe Milan da Servia, declarou guerra á Turquia e invadiu a Herzegovina.

As hostilidades foram suspensas durante um curto armisticio: na primavera seguinte os montenegrinos recomeçaram a guerra, e o principe Nicoláo tomou da Turquia Nukschitch, Antivari e Dulcigno. Complicadas negociações, após a Conferencia de Berlim, consolidaram, afinal a independencia do Montenegro que, de 1780 a 1912, gozou de uma paz serena, apenas perturbada por pequenas rusgas na fronteira.

Em 1900, o principe Nicoláo tomou o titulo de Alteza Real; e, em 1910, na primeira reunião do parlamento montenegrino em Cettinhe, assumiu o titulo mais pomposo de Rei. Em 1896, a terceira filha de Nicoláo, a princeza Helena, casou-se com o principe herdeiro da Italia, o actual rei Victor Emmanuel III. A rainha do Montenegro é Milena, filha de Voyevod Peter Vukotech, tendo-se casado com Nicoláo em 1860. Deste consorcio nasceram tres filhos e seis filhas. As princezas casaram-se todas em casas reaes, sendo por isso o rei Nicoláo espirituosamente cognominado «o sogro da Europa».

Nicoláo I é um rei popular, de habitos patriarchaes, que muito trabalhou pelo progresso e prosperidade do seu paiz.

O fumo faz sonhar; o fumo é a primeira lethargia dos povos fatigados. — MICHELET.

O avô ao netinho:

— Carlinhos, estás mentindo! Leio nos teus olhos...

— Pois é o senhor que está mentindo!

— ? ? ?

— O senhor não póde ler sem oculos

A guerra das minhocas

POINCARÉ — A Republica jamais esquecerá os valentes defensores de seu sólo.

O POILU — Mas, nós defendemos o sub-solo.

Gregos e Troyanos

Este é o potente NICOLÃO II, czar de todas as Russias. Ameaçando esmagar a humanidade com as avalanches de seus soldados, chamou-os no momento preciso contra a Allemanha e a Austria, berrou por elles, mas apenas alguns cossacos appareceram porque as famosas columnas moscovitas antes de entrar em combate foram absorvidas pelo exaggerado volume da propria sombra.

Agora, corridos da Polonia, os vassalos de NICOLÃO II resolveram desabafar as pungentes maguas no pello dos Turcos.

Rangé e Papatua

— OU —

O CÉO E A TERRA

(Lenda *maori*)

Os habitantes da Nova Zelandia, os *Afaorüs*, a dar credito ás tradições lendarias que entre elles correm aportaram áquellas ilhas vindos das Hawai ou Sandwich em 4 pirogas. Dos povos oceânicos representam a nata, tanto physica como intellectualmente.

A conquista da Nova Zelandia pelos inglezes foi difficil e conseguida á custo de guerras sangrentas. Hoje estão reduzidos a um numero pequeno e convertidos ao protestantismo.

Eram polytheistas. A lenda que publicamos pertence a theogonia *maori* e mostra como era desenvolvido naquelle povo o sentimento poetico.

* * *

Ha muito tempo, muito tempo mesmo, o deus *Rangé* — o Céu — e a deusa *Papatua* — a Terra — amavam-se com um profundo amor. Sua união era tão perfeita, viviam tão perto um do outro que os fracos clarões do dia mal podiam passar entre elles. Nenhuma arvore magestosa podia crescer nas florestas, nenhuma flôr podia desenvolver-se; só as plantas rasteiras, lianas, e trepadeiras serpeavam na terra. Alguns arbustos rachiticos bem tentavam viver, e sobre seus galhos alongados elevavam-se os ramos como myriades de mãos postas; mas suas folhas estavam murchas, tão pesadamente cahia o ceu sobre ellas. A agua não era clara, mas vermelha e lodosa, porque não havia sol para purifical-a.

A terra não tinha então outros habitantes senão os filhos dos deuses *Rangé* e *Papatua*.

Ora, logo que esses cresceram, sentiram falta de espaço e de luz, e como um momento em que o pai *Rangé* levantava os braços, elles tinham entrevisto uma claridade, desejaram ver seu pai subir mais alto, para lhes deixar mais espaço e luz. Quizeram a principio persuadil-o, mas elle recusou ouvil-os: «Nunca elle se separaria de sua cara mulher: *Papatua* — a terra».

Os filhos, vendo que suas supplicas eram baldadas, reuniram-se e disseram:

— «Que faremos?»

Tu, o deus da guerra, que era cruel e ignorava o amor filial, gritou:

— «Nós os mataremos». Essa idéia não obteve o assentimento dos outros, mas todos, salvo *Tan-hiri* concordaram em separal-os á força. *Tan-hiri* era tão cioso de sua propria mãe que tinha medo de que ella ficasse bonita de mais logo que ficasse exposta á claridade do dia.

Apezar dessa opposição, *Tané*, o deus da luz e o pai das florestas, que desejava ver as arvores levantarem suas copas, os passaros e os insectos se multiplicarem, propoz que cada um por seu lado tentasse atirar *Rangé* para longe, afim de que a luz do dia pudesse illuminal-os. *Tan-hiri* não ousou oppor-se por mais tempo, porque *Tané* era mais forte do que elle. (1)

Os filhos tentaram pôr seu plano em execução; mas *Rangé* e *Papatua* estavam tão estreitamente unidos que a muito custo conseguiram separal-os um pouco.

Uma vez, entretanto, *Rangé* foi levantado, mas era tão pesado que foi necessario pousal-o sobre os cumes pontudos das montanhas. Isso não era lá um leito muito confortavel para o pobre pai que censurou amargamente a crueldade de seus filhos.

Tané disse então:

— «Eu farei meu pai ir para mais longe, visto que sou o mais forte de todos; mas guardaremos *Papatua* perto de nós, porque foi ella a mãe que nos nutriu e temos necessidade do seu amor».

Papatua gritou então: «Irei comtigo ó meu esposo» e chamou *Tané* em seu soccorro. Mas *Tané* não consentiu; sentou-se sobre sua mãe, que desde então ficou immovel e escorando-se solidamente com os pés, jogou seu pai com tal violencia que este foi lançado a uma grande altura e desde então morou sempre ahi.

Rangé e *Papatua* choraram e gemeram, e os accentos de sua dôr eram tristes de se ouvir.

Tan-hiri, o pai do vento, para consolar seu pai partiu para o ceu e ficou perto delle.

Quando *Papatua*, a terra, mergulhou em plena luz, de todos os lados sahiram novos rebentos, e as plantas e os arbustos começaram a crescer.

Entretanto, *Tan-hiri* e os seus desciam do ceu e atacavam *Tané* para exterminal-o, a elle e a seus filhos. Mas *Tané* transformou alguns de seus filhos em passaros, outros em peixes, que a terra escondeu em seu seio. Isso não impediu *Tan-hiri* de achal-os e de comel-os. E' por isso que os homens quando se entredevoram, acham uma desculpa para essa atrocidade dizendo: «Não foram os deuses que nos deram o exemplo?».

Entretanto *Tané*, o poderoso deus da luz, continuava a embellezar e a enriquecer sua mãe, a terra. Cobriu-a de plantas e de arbustos floridos; deu-lhe passaros canoros, borboletas, emfim uma abundancia de cousas maravilhosas. Não estava ainda completamente satisfeito de sua obra: quiz plantar arvores magestosas. Ora, as primeiras arvores assemelhavam-se a homens, e *Tané* tomando as suas raizes por cabelleiras, plantou-as ás avessas e metteu as cabeças na terra. Assim plantadas, eram extranhas de ver e não podiam crescer.

Tané reconheceu então seu erro; voltou-as em outro sentido e as arvores se extenderam no espaço, vigorosas e cobertas de folhagem. *Tané* cobriu assim sua mãe, a terra, com um manto de verdura e esta, apezar da sua tristeza, ficava cada vez mais bella. Certamente, alguns dos filhos de *Papatua*, aquelles que viviam nos ceus, os furacões, as tempestades, o granizo, ultrajavam as florestas, mas em compensação, outros eram ternos e doces: sopravam docemente sobre a terra e seu halito a embellezava ainda mais.

Tané, tendo feito tudo quanto podia, por sua mãe, levantou os olhos para seu pai *Rangé* que elle tinha feito ir para tão longe e compadeceu-se por vel-o tão mal vestido. Elle disse: — «Pobre amigo, tenho arrependimento de ter feito ir para tão longe: elle parece bem triste lá na altura.

---

(1) As arvores filhas de *Tané* tornaram-se "Ta-bu" para os Maoris, que depositavam nas cavidades dos troncos os ossos dos seus defuntos.

Escutou os suspiros enternecedores de *Rangé*, viu-o estender com amor suas mãos para *Papatua*, sua esposa, e pareceu-lhe que no horizonte seu pai e sua mãe chegavam realmente a se tocar. Então *Tané* pensou:

— «Vou embellezar meu pai, tambem; quero vestil-o melhor.»

E foi procurar Rahw kura ou o Sacro Vestido Encarnado; extendeu-o em torno de *Rangé* que luziu com um brilhante explendor. Depois elle foi mais longe, á morada de um duende que fazia estrellas e ao qual disse:

— Você tem coisas brilhantes que chamam de estrellas; preciso que me dês bastantes, uma grande quantidade, afim de fazer um enfeite para meu pai *Rangé*.

O duende respondeu:

— Poderei dal-as si tiverdes a coragem de ir buscal-as; mas o caminho é longo e penoso.

— Irei, replicou *Tané*, porque sua belleza é tão grande que faz palpitar meu coração.

— Achal-a-heis atraz dos cimos das montanhas, as mais longinquas, disse o duende, nas regiões chamadas: «arrepios da noite e suspiros do dia.»

Para as alcançar é necessario seguir o caminho que tomastes quando fostes coser as feridas que vosso pai tinha recebido repousando sobre os picos dentados das montanhas.

— Irei respondeu *Tané*, que era forte e poderoso e que não tinha medo de nada no mundo....

Quando attingiu o paiz das estrellas ficou deslumbrado por todas aquellas luzes brilhantes; entretanto juntou as mais bellas, levou-as comsigo e depoi-as sobre a roupa de *Rangé*; mas esse vestido de côr deslumbrante não as fazia sobresahir.

Então, á noite, *Tané* cobriu-o com uma trama de sombra prendendo as pregas com as estrellas, com alfinetes, e o espectaculo era verdadeiramente maravilhoso de contemplar. Satisfeito com sua obra, *Tané* deu ainda o sol e a lua a seu pai, afim de que pudesse contemplar sua mulher bem-amada á noite, tão bem como de dia.

Papatua ficou contente e louvou seu filho com doces canções.

Entretamtanto, não se achava inteiramente feliz. Um dia disse a *Tané*.

— «Receio que teu pai caia e se machuque; não tem o habito das alturas e meus braços não o enlaçam mais.

— «Eu o sustentarei, mãe», disse *Tané*.

E foi procurar as nuvens magestosas e extendeu-as sob seu pai *Rangé*.

Isso não foi para *Papatua* completa felicidade.

— Como elle está longe de mim disse a *Tané*; não poderia estar mais perto?

— Eu não posso fazer nada, respondeu *Tané*; si o espaço que separa os céus da terra é tão vasio fui eu que o creei; não poderei mudar nada d'aqui em diante.

E arrependeu-se de ter affligido sua mãe.

Entretanto todos os habitantes do mundo superior acclamaram *Tané* quando viram o que elle tinha feito, e cantaram:

Separados de hoje em diante estão *Rangé* e *Papatua*.

Entoemos nossas canções!
Entoemos nossas canções!
Agora a luz é grande
E estão separados para sempre!

Como um echo os dois esposos divinos entoaram então tristemente:

Estamos separados para sempre
Estamos separados para sempre
Mas nosso amor viverá eternamente.

Uma velha feiticeira, que queria sempre a discordia entre o ceu e a terra cantou com uma voz aguda:

Com terriveis encantos separai-os, ó deuses!
Enchei-os de aversão um pelo outro!
Mergulhai-os no Oceano e no mar!
Que o Odio succeda ao Amor!
Que o affecto não volte jamais!

Mas estes encantos não tinham poder contra a união tão forte de *Rangé* e *Papatua*.

O primeiro disse tristemente á sua esposa:

— «Si é necessario que vivas longe de mim, ó *Papatua!* minhas lagrimas, ao menos, cahindo sobre ti, tornar-te-ão mais bella.

Ellas serão a prova da constancia do meu amor»

E assim fez: não são as gottas de chuva as lagrimas do ceu que embellezam a terra?

Disse ainda: «Minha velha, é preciso ficar onde estás; mas no inverno suspirarei por ti. Meu halito frio te tornará mais bella».

E assim fez: os gelos e as neves não são com effeito os suspiros de inverno celeste?

Continuou: — «No verão, quando o calor fôr abrasador, lamentar-me-ei sobre ti, minha velha, e meus lamentos tornar-te-ão mais fertil e mais bella».

E assim fez, porque é pelo orvalho que os ceus bemdizem a terra.

— «Sibe, ó *Papatua*, disse ainda, que o sol e a lua me foram dados para velar por ti noite e dia e elles serão o penhor do meu fiel amor».

Papatua respondeu:

— «O' meu esposo, tuas lagrimas, teus suspiros, teus lamentos me abençoarão em verdade, e pelo poder do teu amor, elles voltarão a ti em nuvens ligeiras que serão a imagem da minha grande ternura».

E assim foi. As chuvas, os gelos, a neve e o orvalho tombam para sempre como bençãos sobre a terra e nuvens ligeiras elevam-se para o ceu.

Assim, embora separados pelos filhos, *Rangé* e *Papatua*, o Céu e a Terra, estão para sempre unidos em seu amor e em suas obras.

Assim... e para todo o sempre!

—« FIM »—

CASA STAMP

ULTIMO MODELO

Canos de casemira em diversas côres 28$000

Canos de camurça em diversas cores... 30$000

Pelo correio mais 2$000

Depositito de todos os artigos para Sport e Banhos de mar.

9, URUGUAYANA, 9

Telephone Central, 729

Faltam-me palavras para agradecer

Arthur Ferreira da Costa Guimarães

Rio de Janeiro, 29 de Outubro de 1913.

Exmos. Snrs. Viuva Silveira & Filho, n'esta.

Declaro que fiquei completamente curado de syphilis com o poderoso ELIXIR DE NOGUEIRA, tomando apenas quatro frascos.

Por isso não tenho palavras para agradecer ao chimico Silveira, por tão bom preparado.

Dou plenos poderes para fazer deste o que melhor entender.

De VV. SS. Amg.º Crd.º Att.º Obgr.º

Arthur Ferreira da Costa Guimarães

Rua da Alfandega n. 22, 2º andar — Rio de Janeiro — Caixa postal n. 545. *(Firma reconhecida).*

Vende-se em todas as drogarias, pharmacias, casas de campanha e sertões do Brazil. Nas Republicas Argentina, Uruguay, Bolivia, Perú, Chile, etc.

PETROLEO HAYA

O melhor para os cabellos

INFALLIVEL

Ultima palavra

A' venda em todas as perfumarias

Deposito Geral:

Casa A' NOIVA

A. Abel de Andrade

Vidro . . . 4$000

Pelo correio . . . 5$000

Rua Rodrigo Silva, 36

(Entre Assembléa e 7 Setembro)

Telephone Central 1027

GERADOR DA FORÇA

ESPECIFICO DA NEURASTHENIA

SOFFREIS?

Curai-vos, emquanto é tempo usando o

CURA:

Dôres no estomago, Falta de appetite, Nervosismo, Hysterismo, Dôres no peito, Anemia, Fraqueza nas pernas, Palpitações, Insomnia, Debilidade, Terrores nocturnos, Tuberculose

Laboratorio Pharmacia MARINHO

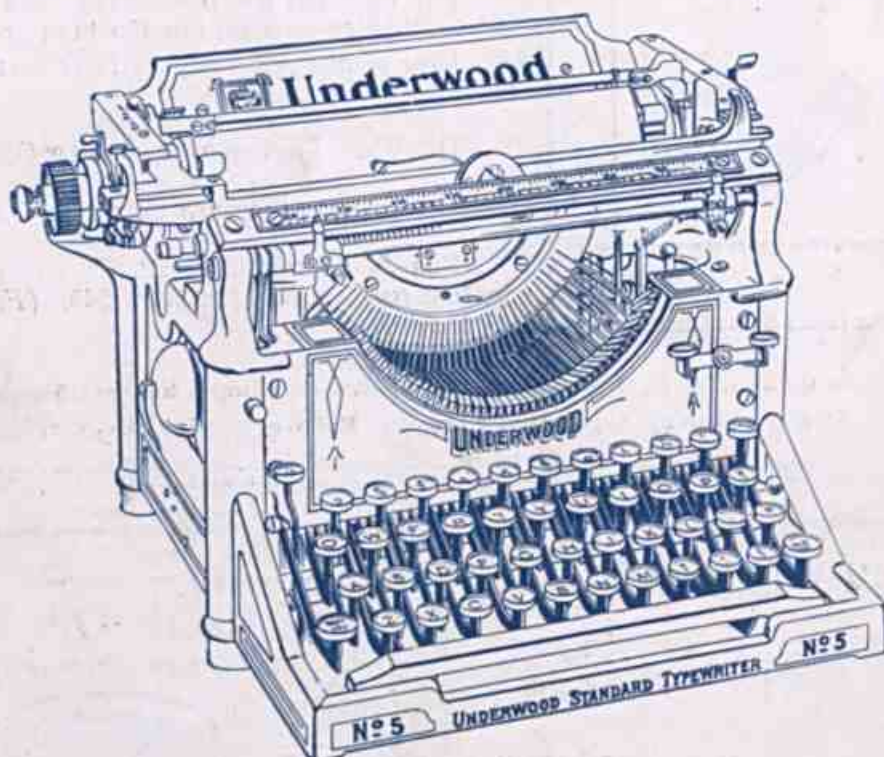
Rua Sete de Setembro n. 186

Rio de Janeiro

Remette-se pelo Correio

UNICO TONICO que cura a debilidade dos velhos

PRIMEIRO A

"UNDERWOOD"

Quem a usa!...

Economisa tempo, trabalho e dinheiro.

Com uma bem montada officina para reparos e concertos em machinas de escrever, confiada a habeis mechanicos, estamos habilitados a executal-os com perfeição e correcção.

PAUL J. CHRISTOPH Co.

145, Rua General Camara
Telephone-Norte 2096
RIO

44, Rua Quintino Bocayuva
—:—
S. PAULO